

## “NAVEGAR É PRECISO”: INTERAÇÃO E HIBRIDISMO NO GÊNERO BLOGUE.

CAMPOS, Djamar  
Escola Estadual João Batista de Carvalho  
djamarcampos@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente trabalho se propõe analisar a constituição sociodiscursiva e pragmática híbrida do gênero blogue, situado como um acontecimento no âmbito da cultura intersemiótica contemporânea mundial, que se configura dentro de uma esfera de produção eletrônico-digital, a internet. O objetivo principal do presente trabalho é a descrição da gênese e evolução conceitual histórica dos blogues a partir da análise das características próprias desse gênero digital quanto à interação e às condições concretas em que se realiza e quanto às suas características intersemióticas, linguístico-discursivas e pragmáticas híbridas. A pesquisa, de caráter descritivo-explicativa, a partir da teoria sobre hibridização e interação verbal de Bakhtin, principalmente, interpreta o blogue como gênero discursivo emergente. Para a análise, foram selecionados os enunciados presentes nos blogues “Pergunte ao Urso”, “Jacaré Banguela” e “Championship Vinyl”. Ao serem identificadas as características híbridas linguístico-discursiva e pragmática constitutiva dos blogues analisados chegou-se à compreensão da complexidade de sua organização como processo intersemiótico diversificado de escrita e leitura, mediado por linguagens diversas.

**Palavras-chave:** Gêneros discursivos; Blogue; Interação; Hibridismo.

### 1. Navegando nas ondas da internet

A expressão “Navegar é preciso”, do poeta português Fernando Pessoa, recebe um novo sentido com o advento da internet, pois quando o computador é ligado e se conecta a rede, o usuário vai navegando com a bússola-*mouse* a fim de selecionar a informação necessária. Desta forma, é preciso observar a criação das novas rotas de leitura e escrita que imprimem cultura e conhecimento neste hipertexto infinito, dotado de uma memória gigantesca, profunda e enigmática.

A internet favoreceu o surgimento de novos escritos e de novas ações de leitura, visto que sua estrutura hipertextual articula novos gêneros, como, por exemplo, os blogues<sup>1</sup>, cuja interatividade entre autor-texto-imagem-som-leitor pode permitir réplicas imediatas, fato que pode não ocorrer com os livros ou com os impressos, e que pode definir o blogue como um dos gêneros emergentes na cibercultura.

A navegação feita nos mares da internet mostra-se pertinente na afirmação de Beaudouin citado por Rojo (2007), de que a “internet tornou possível que passássemos a conversar com as mãos e os olhos, ao invés de boca e ouvidos”. A tela torna-se, enfim, uma nova máquina de leitura.

Para Rojo (2007), a relevância dessas novas práticas de leitura e escrita nos ambientes multissemióticos, multimidiáticos e hipermediáticos, são considerados detentores de uma

---

<sup>1</sup> Como ainda não se confirmou a grafia dicionarizada da palavra blogue, será focado seu uso adaptado à prosódia conforme usada em Portugal.

interação virtual inédita. Nesse sentido, os blogues<sup>2</sup> apresentam-se, hoje em dia, como um fascinante objeto de estudo.

O intenso navegar pelas ondas do oceano da internet é, com certeza, o futuro da escrita, da leitura, da imagem e do som, frente às relações seculares entre o papel e o lápis, a mão e as novas relações entre a tela e os olhos. Conforme se pode perceber no texto de Ribeiro (2007):

A relação estabelecida (durante séculos) entre as mãos e o papel, o tato e a capa, as pontas dos dedos, a saliva e as arestas do papel, a página e a numeração, o movimento dos olhos e a forma das letras- a serifa-, a lombada e a estante, o cheiro de papel e a cor amarelada, a traça e o tipo de papel, a posição do corpo e o objeto mínimo que marca a página em que se interrompeu a leitura... tudo isso ganha *status* de opção e possibilidade: a de ler diante de uma tela que emite luz, mover o texto de maneira indireta (por meio do *mouse* ou do teclado) [...] (RIBEIRO, 2007, p.129).

É notório que a leitura e a escrita tornaram-se diferenciadas ao abrirem-se as portas dos oceanos da internet, emergiram novas possibilidades de textos, imagens, sons e novos processos interativos surgiram e se abriram em novas sensações e possibilidades semióticas, as quais já dominam o cotidiano atual. Conforme Oliveira (2002), no período da primeira onda da web as pessoas tinham a chance de usar um editor simples, serviços gratuitos em sites comunitários, porém era limitado pela falta de ferramentas que facilitassem a postagem dos diários on-line na rede, pois requeria conhecimentos mais amplos. Foi nessa lacuna que surgiu a segunda onda da web escriturável, com o despontar dos blogues, principais objetos desta pesquisa.

Como esta pesquisa possui um caráter descritivo-explicativo qualitativo, a análise foi feita a partir dos arcabouços teóricos que embasam as questões sobre a caracterização dos gêneros digitais discursivos emergentes e sobre os estudos feitos a partir da teoria de hibridização e interação verbal de Bakhtin, procurando-se interpretar o blogue como um gênero emergente híbrido.

## 2. Gêneros emergentes no meio digital

São chamados de intersemióticos os gêneros que se apresentam de maneira mais próxima ao suporte original e que mantêm uma relação de hibridismo entre as linguagens (verbal-visual; visual-verbal) em sua forma composicional. Emergem outras possibilidades de conceituar tais gêneros em algumas perspectivas teóricas que poderão ajudar a desembaraçar alguns fios conceituais, a saber: gêneros emergentes, gêneros hipertextuais, gêneros híbridos.

Os chamados gêneros emergentes são conjuntos de gêneros textuais/discursivos que estão emergindo no imenso oceano da internet. Isso é possível porque o ambiente virtual é extremamente versátil, pois reúne várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem.

Conforme Marcuschi (2008, p. 202), os gêneros emergentes, em certos casos, “parecem projeções ou transmutações de outros como suas contrapartes prévias”. Esses gêneros têm características próprias e devem ser analisados em particular, pois nem sempre têm uma contraparte muito clara e não se pode esperar uma projeção de domínios tão diversos como são o virtual e o real.

---

<sup>2</sup> Blogue é uma abreviação, ou seja, é a contração da palavra inglesa *weblog*. *Log* pode ser traduzido por registro ou diário, como o diário de um capitão de navio, o também chamado diário de bordo, onde o capitão faz suas anotações de viagem. A palavra *web* é rede, a rede de computadores, a internet.

Os gêneros emergentes, de acordo com Marcuschi (2008, p 201), têm as seguintes características: Potencializam a interação; Intensificam o uso da escrita; Possuem múltiplas semioses. Uma das características mais acentuadas é a mistura de variadas formas de expressão, tais como texto, som e imagem, ou seja, é o que dá “maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses”. A possibilidade de inserção de elementos visual-verbais, como linguagem escrita, imagens, fotos, sons, como músicas, vozes, risos integrados, propicia uma nova proposta, que satisfaz, integra e faz interagirem os recursos semiológicos.

De acordo com Marcuschi (2008, p.200), existem aspectos que tornam a análise dos gêneros emergentes bastante relevantes são eles: os gêneros estão em franco desenvolvimento e fase de fixação, em uso cada vez mais generalizado; apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios; oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade; mudam sensivelmente a relação com a oralidade e a escrita permitindo repensá-la. E acrescenta: os gêneros emergentes são “diversificados em seus formatos e possibilidades e dependem do *software* utilizado para sua produção”.

Em certos casos, os gêneros emergentes “parecem projeções de outros como suas contrapartes prévias”. É fato comprovado que os novos gêneros só “são possíveis dentro de determinados programas”, mesmo diante da “rigidez de um programa, não há rigidez nas estratégias de realização do gênero como instrumento de ação social” (MARCUSCHI, 2008, p. 203).

### **3. A concepção de gênero e a interação verbal em Bakhtin**

Quando surge o termo “gênero do discurso”, Bakhtin consegue elevar a linguagem e a comunicação a um ato social, pois o gênero discursivo sempre será relacionado à sociedade que o utiliza. Também versa sobre o fato de o gênero ser um produto histórico de enunciado porque se recoloca como processo de cada interação e acrescenta que o gênero possui um dialogismo que é constitutivo da linguagem.

Para Bakhtin (2000), os gêneros discursivos são indissociáveis da sociedade e o domínio de um gênero permite aos interactantes a previsão de efeitos de sentido e de comportamentos nas diferentes situações de comunicação encontradas. Pode-se dizer que o estudo de Bakhtin sobre a conceituação dos gêneros do discurso veio suprir a necessidade de uma compreensão dos enunciados como fenômenos sociais, que resultam de uma atividade humana, estruturada e sujeitos às determinadas modificações.

Na busca da compreensão do enunciado como forma de interação social entre locutores de uma realidade específica, na perspectiva bakhtiniana, é extremamente relevante apresentar a concepção de que as palavras, como formas linguísticas, expressas não estão dissociadas de significados, pelo contrário, enovelam uma multiplicidade de semioses, agradáveis ou não, e são endereçados a um leitor através de palavras escritas, lidas ou simplesmente sentidas: “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. (BAKHTIN, 1927, p.95). Em Bakhtin (1927) a subjetividade da palavra em função do interlocutor tem uma grande importância:

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 1927, p.113).

A comunicação esperada entre os interlocutores de uma mensagem vem mostrar que o produto da interação do locutor e do interlocutor é a capacidade de reflexão que cada indivíduo terá ao ler a postagem enviada.

Este processo ativo de interactantes é um dos grandes méritos dos estudos de Bakhtin, pois ao dizer que na comunicação esperada de um locutor e de um receptor é preciso uma resposta não mais passiva do ouvinte, ele demonstra que os interactantes fazem um diálogo de enunciados, diferente do proposto por Jakobson que previa a comunicação como a emissão de uma mensagem do emissor para um receptor, já em Bakhtin há uma interação, há um todo significativo na comunicação, há uma interlocução. De acordo com Bakhtin:

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc. e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (BAKHTIN, 1895-1975/2000, p.290)

Assim, por exemplo, nos blogues, como veremos na análise, a atitude responsiva ativa pode ser notada a partir do momento que é lançada uma postagem, pois o escrevente deseja que seu leitor dialogue com ele, para que sua escrita seja viva. A resposta nos blogues não é fônica, é uma resposta escrita, cuja rapidez é característica das postagens. Existem leitores que se vangloriam de ser os primeiros a fazer o comentário das postagens, o que remete em uma compreensão responsiva imediata, confirmando a teoria bakhtiniana:

A compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for a forma de sua realização). O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva, que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 1895-1975/2000, p. 291)

O desejo de comunicação, como está na finalidade das postagens dos blogues, é apenas um elemento do processo de interlocuções, o locutor não é o desencadeador do diálogo, ele é apenas um representante deste, pois o diálogo inicia-se em outro ambiente, em um ambiente exterior ao enunciado manifestado nas experiências exteriores vividas, nas condições sócio-históricas para que tal resposta seja dada e tal diálogo seja mantido:

O desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um *elemento* abstrato da intenção discursiva em seu *todo* o próprio locutor como tal é, em certo grau, um *respondente*, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores - emanantes dele mesmo ou do outro - aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. (BAKHTIN, 1895-1975/2000, p. 291)<sup>3</sup>

Para o teórico, a finalidade de um discurso é que cada enunciado seja um elo da cadeia complexa de outros enunciados. Visto que é esperada a compreensão do blogue como um

---

<sup>3</sup> Grifos do autor

gênero discursivo, cujas capacidades dialógicas são evidentes e esperadas, os critérios a serem levados em conta são as possibilidades, capacidades e facilidades de respostas entre os interactantes do blogue, fato que Bakhtin chamou de réplica:

De acordo com Bakhtin (1895-1975/2000, p.294) existe uma variante na relação entre as réplicas do diálogo, ora podem ser “relações de pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução, etc.”. Essas relações somente funcionam se houver enunciados provenientes de diferentes sujeitos falantes, aparecendo assim à imagem do *outro* como o novo membro do diálogo que se procura estabelecer em um evento comunicativo.

A resposta, ou a réplica, é esperada como parte do todo enunciativo, logo existe uma compreensão responsiva ativa, na qual interactantes se complementam e produzem uma comunicação real e participativa. O *outro* é o leitor que, ao dar uma resposta, como na postagem do leitor/respondente do blogue, toma uma posição responsiva: ele concorda, discorda, participa completa, aplica os dizeres do falante, enfim, o ouvinte se torna falante.

Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta. (BAKHTIN, 1895-1975/2000, p.320).

Em todos os enunciados, desde os diálogos mais simples até os mais complexos, as respostas esperadas dos interlocutores passam pelo crivo da compreensão e da captação das informações. Estabelecido esse critério, é necessária à análise do *outro*, chamado por Bakhtin (1895-1975/2000, p. 300) de “intuito discursivo, ou o querer-dizer do locutor”, que “determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras”. A partir do querer-dizer dos interactantes e baseando-se em seus conhecimentos anteriores ao discurso, em suas experiências sociais, será possível detectar se o enunciado fez sentido, atravessaram-se as fronteiras do diálogo e chegou-se à comunicação pretendida, ao todo.

É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor, e, às primeiras palavras do discurso, percebem o todo de um enunciado em processo de desenvolvimento. (BAKHTIN, 1895-1975/2000, p. 301)

Em síntese: de acordo com a abordagem bakhtiniana e sua teoria sobre a interação, chega-se à afirmativa de que o enunciado deve ser considerado como uma resposta a enunciados anteriores, fato que ocorre somente dentro de dada esfera. Sendo assim, todos os pensamentos, toda palavra, oração, entonação e expressividade, são só uma resposta, pois manifestam a própria relação com o objeto do enunciado e também com a relação dos interactantes com os enunciados dos outros interactantes, havendo, enfim, a interação esperada.

#### **4. Estudos sobre o Hibridismo**

Bakhtin (1988, p. 73-74) em *Questões de Literatura e de Estética*, afirma que os gêneros podem hibridizar-se, assim como sofrer um processo de intercalação, ou seja, ele considera os gêneros *intercalados* e *híbridos* como um dos mecanismos importantes na produção do plurilinguismo e dá como exemplo o romance literário.

Na intercalação bakhtiniana, é possível distinguir as fronteiras entre o discurso de citação (autoria) e o gênero intercalado, por exemplo, o trecho de uma carta ou de um poema durante o desenvolver do romance. Parece haver “um minuto de silêncio” entre uma voz e outra, para que seja possível confrontar as diferentes posições discursivas de cada unidade literária, ocorrendo um dialogismo, um acabamento enunciativo do discurso do romance, o que dá lugar a um novo enunciado.

Já na hibridização bakhtiniana há uma fusão nas unidades literárias que chegam ao ponto de não ser possível dissociá-las, porém torna-se clara a apropriação que ocorre entre as vozes em seus empréstimos linguísticos.

Essa mistura de linguagens em Bakhtin é o que sustenta um dos argumentos principiaidos nesta pesquisa, parte-se do pressuposto de que o hibridismo bakhtiniano possui as características para que se possa assumir a postura de que nosso objeto de pesquisa é híbrido. A intercalação não é suficiente para definir nosso conceito.

É extremamente importante destacar que os conceitos de hibridismo que vêm a seguir, de certa maneira, têm relação com os conceitos bakhtinianos de hibridização discutidos anteriormente, visto que o termo “Híbrido” pode ser utilizado para designar: qualidade de tudo o que resulta de elementos de natureza distinta. De acordo com Canclini (2008 p.XIX), o termo é palco de discussão, pois “seu profuso emprego favorece que lhe sejam atribuídos significados discordantes”.

O termo deriva do grego *hybris*, e este, por sua vez, tem raiz no indo-europeu *ut + qweri*, (peso excessivo, força exagerada). O adjetivo “híbrido” vem do grego *hybris*, através do latim *hybrida*, pois os gregos consideravam o hibridismo, conseqüente da miscigenação, entendido como uma violação das leis naturais.

Dessa ideia de combinações, misturas e fusões de manifestações culturais surgem, também, na modernidade, os diálogos através das linguagens híbridas motivadoras e mobilizadoras das mais distintas esferas, como a linguagem digital inserida na internet. Essa nova forma de expressão promove uma reviravolta na história da comunicação e na configuração da sociedade.

Nesse sentido, para Bakhtin (1988), a hibridização é “a mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado”. Essa mistura de linguagens é apresentada como uma arena, antigo local de luta romana, onde se reencontram “duas consciências lingüísticas, separadas por uma época, por uma diferença social (ou por ambas) das línguas”. Se essas consciências se reencontram, logo já se encontraram antes, o prefixo */re-/* dá ideia de fazer uma ação novamente, no reencontro há uma transformação. É a criação de algo novo/refeito, conforme diz a gíria do momento: “junto e misturado”.

Santaella também se refere ao hibridismo como sendo uma “mistura” ou um “cruzamento” entre modalidades diferentes, o que equivale ao conceito bakhtiniano de hibridização. Acrescenta que “quanto mais cruzamentos se processarem dentro de uma mesma linguagem, mais híbrida ela será” (SANTAELLA, 2001, p. 379).

Em Travaglia (2007), é no Cruzamento ou fusão onde vários tipos de tipologias distintas se realizam no mesmo texto que, talvez, seja uma das formas de postular a existência do hibridismo dentro do gênero blogue, pois “o cruzamento (ou fusão como alguns podem dizer, para ressaltar o amálgama de características dos tipos) acontece entre tipos de tipologias distintas” (TRAVAGLIA, 2007, p.1299).

Também foi encontrada a mesma conceituação nos estudos de Xavier (2002), o qual postula equação enunciativa, a fusão, a amálgama ou a “clipagem /bricolagem” das linguagens som, imagem e escrita como um hipertexto em modo de enunciação digital.

Já Friedman (2002, p. 3) citado por Buzato (2007) apresenta três modelos diferentes de hibridismo: por fusão, interpenetrações e o intrínseco. No modelo de fusão de dois ou mais elementos que gera um terceiro elemento. Percebe-se uma ruptura das unidades originais, ou

seja, a fusão de dois enunciados faz com que ocorra o aparecimento gradual de um novo plano e o desaparecimento gradual do plano anterior. Em algum instante e por um breve momento os dois planos se confundem se fundem em uma forma de transição.

Sobre hibridismo Marcuschi (2006, p. 29) diz que “a hibridização é a confluência de dois gêneros e este é o fato mais corriqueiro no dia-a-dia em que passamos de um gênero a outro, ou até mesmo inserimos um no outro, seja na fala ou na escrita”. O hibridismo ocorre dentro e fora das mais variadas comunidades discursivas, pois serve como medidor da evolução genérica.

Rojo (2007), baseando-se em Bakhtin, postula que na hibridização há uma  fusão nas unidades literárias (hibridismo de gênero, vozes e cultura) que chegam ao ponto de não ser possível dissociá-las (hibridismo de gênero), porém, torna-se clara a apropriação que ocorre entre as vozes em seus empréstimos linguísticos. Como exemplos, têm-se as paródias, as referências interdiscursivas, as paráfrases e o discurso internamente persuasivo (hibridismo de vozes), que deixam em evidência o dialogismo com outros enunciados e com outras culturas (hibridismo de cultura).

Essa mistura de linguagens em Bakhtin é o que sustenta um dos argumentos principiaados nesta pesquisa, parte-se do pré-suposto de que o hibridismo bakhtiniano possui as características para que se possa assumir que o *corpus* de pesquisa faz parte dos gêneros híbridos. A intercalação não é suficiente para definir nosso conceito.

## 5. O gênero blogue

A análise dos blogues, como *corpus* da pesquisa, vem trazer a discussão deles, inicialmente, como um gênero. Para justificar essa afirmativa foram buscados fundamentos teóricos que caracterizam o gênero como uma ação social existente entre pessoas ou sujeitos e que compõe a comunicação, o discurso e o diálogo, portanto, assumimos o blogue como um gênero sociodiscursivo e temos em Bakhtin alguns fundamentos que nos dão subsídios para essa conceituação.

Outro estudo extremamente relevante e que nos dá o aval necessário para a compreensão do gênero blogue encontra-se em Costa (2009, p. 14-15), que postula a emergência de novos tipos de gêneros nos enfoques discursivos, os quais podem estar ligados “à aparição de novas motivações sociais”, às “novas circunstâncias de comunicação” e ao “aparecimento de novos suportes de comunicação”. Seria o caso do blogue, pois se enquadra em todas essas exigências, como um produto histórico-social.

Costa (2008, p. 89) identifica o blogue, em seu *Dicionário de Gêneros Textuais*, como um “gênero definido como mensagem eletrônica escrita, geralmente assíncrona, trocada entre usuários de computador que possuam internet” e acrescenta que o blogue é um “gênero emergente original, com qualidades lingüísticas, enunciativas e pragmáticas próprias”.

Costa (2009), com base em Bakhtin, salienta que os gêneros estão em “movimento perpétuo”, o que pode ser comprovado pela evolução conceitual do blogue, o qual passou de diário íntimo privado, a diário/jornal *on-line* crivado de *links* e que pode ser atualizado e recebido via RSS.

É certo que existem semelhanças entre os gêneros discursivos tradicionais e os emergentes, porém é possível perceber que essas semelhanças foram adaptadas para a esfera digital. O blogue é diferente de seus correlatos já consagrados, como o diário íntimo, a agenda, o jornal. O blogue é diferente, visto que se modificou e recriou uma nova roupagem e uma nova forma de discurso escrito e por que não acrescentar que, logo depois do surgimento da web 2.0, o blogue apresenta-se como um gênero emergente

Atualmente, os blogues se diferenciaram da proposta inicial, visto que ampliaram suas fronteiras e tornaram-se um fenômeno de interações. Foi seu “uso” na esfera digital, ou seja, a interação estabelecida entre os navegadores acarretou múltiplas possibilidades semióticas de leitura e escrita no oceano em que se tornou a internet.

De acordo com Marcuschi (2008, p.200-203), os gêneros emergentes ligados à internet possuem características relevantes, como: são capazes de potencializar a interação, são eventos textuais fundamentalmente baseados em um intenso uso da escrita, possuem uma mistura de variadas semioses, tais como texto, som e imagem.

Os gêneros emergentes dizem respeito a interações entre indivíduos reais, embora suas relações sejam, no geral, virtuais. Nesse sentido, o blogue se mostra como um gênero emergente que marca uma nova forma de leitura e de escrita em função das novas tendências de comunicação contemporânea, em que a possibilidade de inserção de elementos visuais-verbais, não-verbais e paraverbais como linguagem escrita, imagens, fotos, sons, músicas, vozes, risos, integrados, propiciam uma nova proposta que satisfaz, integra e faz interagirem os recursos semiológicos.

As propriedades nos blogues, assim se caracterizam: intensificam o uso da escrita, pois são textos escritos por um ou mais autores (blogueiro/s); possuem múltiplas semioses: texto, som e imagem; são apresentadas em ordem cronológica reversa; possuem categorias e temas específicos; possuem *links* para outros blogues, *sites* ou imagens; possuem sistemas de assinaturas (RSS) e facilidade de criação: o leitor dialoga com o autor através dos comentários; potencializam a interação entre autor/leitor e leitor/autor.

Em resumo, essas propriedades potencializam a interação e dão subsídios para que os blogues possam ser classificados como um gênero emergente que ocorre ou existe em uma nova esfera social de comunicação humana: a esfera do discurso eletrônico-digital.

Usando uma citação de Travaglia (2007), “O que existe, circula e funciona na sociedade são os gêneros”, tem-se uma comprovação de que os blogues estão inseridos em um meio social, ou seja, em uma esfera social de produção e recepção de discursos múltiplos.

Portanto, os blogues possuem uma evolução histórica, circulam e funcionam na sociedade, pois têm aumentado, a cada dia, o número de leitores ou de autores. O aumento foi tão intenso que se chega ao ponto de afirmar que o blogue é um fenômeno social de interação e um fenômeno de escrita no Brasil e, quiçá, no mundo.

O gênero blogue pode ser considerado como hipertexto, pois possui forma dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com linguagens intersemióticas. É essa intersemiotividade híbrida que adiciona à sua superfície diversas formas de textualidade, ou seja, o blogue se realiza na mistura de tipos de textos, de gêneros e de semioses, o que será analisado nos exemplos a seguir.

## **6. As características sociodiscursivas interativas dos blogues.**

Em Bakhtin, a teoria dos gêneros é apresentada na perspectiva dialógica da linguagem. O conceito básico da teoria bakhtiniana é o de interação, todos os outros conceitos se desenvolveram a partir das noções de interação verbal.

As esferas ou campos de circulação dos discursos são as situações de interação que podem demonstrar a constituição e o funcionamento dos gêneros, pois constituem uma ligação com a situação social de interação, e não com as propriedades formais.

Se os gêneros possuem uma *função* social, os blogues também o possuem, devido à capacidade de potencializar a interação entre indivíduos reais, embora suas relações sejam, no geral, virtuais.

Travaglia (2007) postula que uma das características do gênero é “exercer uma *função* sociocomunicativa específica” e acrescenta que nem sempre os gêneros são passíveis de identificação.

Um dos aspectos mais relevantes do gênero blogue, que remetem à questão de seu “uso” como elemento desencadeador de uma definição dele como gênero que potencializa a interação, é o fato de o blogue estar inserido em um meio social, ou seja, em uma esfera social de produção e recepção de discursos múltiplos, a internet.

Para verificar se o blogue é um gênero com uma função interativa é extremamente necessária a verificação de suas condições de produção, circulação e recepção em uma nova esfera, a esfera digital. Essa linguagem emergente recebe vários neologismos como: midiática, digital, virtual, cibernética, internética, entre outros.

De acordo com Bakhtin, a finalidade de um discurso é que cada enunciado seja um elo da cadeia complexa de outros enunciados. Dessa forma, é possível dizer que uma das características mais relevantes na caracterização dos blogues é a interatividade, pois a possibilidade de interação verbal instaurada pelas postagens dos autores e os comentários dos leitores criados com todos os recursos das tecnologias digitais vêm confirmar o que previa Bakhtin com as teorias da interação verbal e do dialogismo:

O diálogo por sua clareza e simplicidade é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível responder, tomar, com relação à sua réplica, uma *posição responsiva*. (BAKHTIN, 1895-1975/2000, p. 294).

Ao compreender o blogue como um gênero discursivo, cujas capacidades dialógicas são evidentes e esperadas, os critérios a serem levados em conta são as possibilidades, capacidades e facilidades de respostas entre os interactantes do blogue. A essas respostas Bakhtin chamou de réplica ou de posição responsiva, que pode ser exemplificada pelos enunciados das postagens e dos comentários escritos pelos leitores durante o processo de interação com os autores dos blogues.

Um exemplo de postagem em que o autor cria seu discurso levando em conta a recepção do leitor foi detectado na postagem do dia 7 de outubro de 2008, intitulada *Blogs ou Livros, Livros ou blogs?* Do blogue Championship Vinyl. Nota-se que a interação iniciou-se a partir de um comentário/resposta de um leitor em uma postagem do blogue. O leitor desencadeou o assunto que seria abordado pelo autor, ou seja, ele, por provocação, participa da escolha do que seria postado e questionado pelo autor Rob Gordon, que transcreve, sem a datação, o comentário do tal leitor:

Blog? Quem tem o que escrever, escreve livro. Tenho 38 anos, já escrevi cinco. O mais "fino" tem 420 páginas. O "recíproco" também é válido. Quer ler? Leia livros. Ah, não concorda? Bem, fique com seu blog. Livros não são feitos para você. E vice versa. BLOGUE CHAMPIONSHIP VINYL. (07/10/08).

O autor do blogue mostra-se perplexo com tal comentário e faz, durante toda a postagem, uma explanação bastante irônica (*Não é genial?*) e ácida (*Sim, obra-prima, porque não importa de qual lado você leia, ele é maravilhosamente burro*) de sua revolta sobre esse leitor anônimo, que foi “recebido” no blogue e teve a “audácia” de criticá-lo. Inclusive o apelida de *Best-seller*, visto que esse não assinou seu verdadeiro nome, como se lê a seguir:

Não é genial? Sinceramente, precisei ler o comentário umas três vezes somente para começar a compreender o potencial de estupidez dessa pequena obra-prima. Sim, obra-prima, porque não importa de qual lado você leia este texto, ele é maravilhosamente burro. Antes de começar qualquer comentário, gostaria de me dirigir ao autor dessa pequena pérola (você não assinou seu nome, então posso chamá-lo de... Hum... Best-Seller?) e dizer que me sinto honrado em receber, aqui no blog, a visita de um escritor renomado como você, autor de cinco livros. Realmente, este foi um dos pontos altos na história do Championship Vinyl. Entretanto, caro Best Seller, uma pergunta está me incomodando desde que li seu comentário: Algum desses cinco livros foi publicado? BLOGUE CHAMPIONSHIP VINYL. (07/10/08)

Na postagem acima, percebe-se a responsividade ativa durante toda a postagem do autor Rob Gordon, pois esse faz uso de um diálogo com o leitor *Best-Seller* em uma interação verbal com ele. O autor usa, em vários momentos, o questionamento através das frases interrogativas que dirige ao seu interlocutor. É como se o autor direcionasse a postagem, apenas e tão somente, ao leitor.

Sabe, existe uma diferença razoavelmente grande entre “escrever” e “publicar”. Para escrever um livro, basta ter um editor de texto (sugiro um com corretor ortográfico), o mínimo de conhecimento verbal (diferenciar sujeito de predicado, saber em que lugar da frase encaixar o verbo) e uma idéia razoavelmente interessante. Agora, publicar o livro é outra história. Para ser publicada, a obra precisa ser boa. Ou cinco vezes boa, no seu caso. E, me desculpe pela ousadia, mas eu, sinceramente, não acredito que sua obra seja tão boa assim. Isso, por dois motivos. Primeiro, qualquer escritor é, antes de mais nada, um leitor apaixonado. E leitores apaixonados não lêem apenas livros, ou apenas jornais, ou apenas revistas, ou apenas blogs. Leitores apaixonados lêem aquilo que os interessa, independente de estar impresso ou na tela. Além disso, é sabido que muitos escritores de livros, hoje em dia, mantêm blogs na internet. Curioso, será que eles não têm nada a dizer, então? Ou será que é você quem não tem muito que dizer? BLOGUE CHAMPIONSHIP VINYL. (07/10/08)

O desejo de fazer comunicação está na finalidade dessa postagem, pois se percebe nela um processo de interlocuções. O diálogo travado entre o autor e o leitor iniciou-se em outro ambiente, em um ambiente exterior ao enunciado manifestado na postagem, que são manifestados nas experiências exteriores vividas pelo autor e nas condições sócio-históricas para que o desabafo/resposta tenha sido dado e tal diálogo mantido:

Sim, porque você está julgando o conteúdo pela mídia. E, desculpe, mas, nesse caso, o meio não é a mensagem. Parece-me que você “está julgando um livro pela capa” e acredito que você detestaria que fizessem isso com qualquer um dos seus cinco “livros” (aspas bem grandes no “livros”). Se você diz que nenhum blog é bom, é porque sou obrigado a acreditar que você leu todos eles. E, sinceramente, duvido que isso seja verdade, porque você não me parece o tipo de pessoa propensa a gostar de algo que você não conhece – pelo contrário, você me parece ser alguém com cultura de almanaque: decorou o nome de meia dúzia de escritores consagrados e sai por ai, cagando regra, especialmente quando encontra alguém que escreve

melhor que você (no caso, eu) ou que tem coisas mais interessantes a dizer que você (no caso, qualquer pessoa).

Mas, mais interessante que o seu raciocínio é a forma que você apresenta sua “obra”, e que, para mim, é o trecho que coloca seu comentário num patamar acima dos imbecis normais: “O meu livro mais “fino” tem 420 páginas”. Ah tá. Então não basta ser livro, tem que ser grande. BLOGUE CHAMPIONSHIP VINYL. (07/10/08)

É na existência de enunciados anteriores a esse diálogo que se percebe a afeição que o autor tem com seu blogue e com sua escrita. Existe uma real ideologia valorativa ao emergir de novas formas de leitura e escrita na internet, não desvalorizando, é claro, os livros e de toda a sua evolução histórica e social.

A defesa do autor em relação ao advento dos blogues justifica-se pelo prazer que a escrita de blogue lhe proporciona. O autor Rob Gordon defende seu blogue, que foi criticado pelo leitor, a partir de vários argumentos, contudo, o maior deles e o que chama a atenção é o número páginas. Tal fato mostra-se mais claro quando o autor cita alguns escritores que tiveram livros com poucas páginas e nem por isso deixaram de ser grandiosos. O autor cita nomes do universo literário e da blogosfera, para que o tal leitor perceba que seu conhecimento lhe dá discernimento de valorizar o que é uma boa leitura e acrescenta:

...eu prefiro ficar aqui lendo outros autores, como Doyle, Tyler, Mary, Hornby, Rey, Arthurius, Cornwell, Dragus, Puzo. Provavelmente, você vai ficar igual um imbecil tentando identificar alguns nomes na lista aí de cima. Não perca seu tempo, eu lhe ajudo: nesta listinha, estão nomes de escritores de livros que eu gosto, e escritores de blogs que eu gosto. Mas eu não linkei os blogs, porque eu tenho certeza de que somente isso faria você identificar quem escreve livro e quem escreve o blog sem ter que pesquisar no Google. Olhe, vou até dar uma dica: o Doyle é escritor. Agora, se vira para descobrir o resto. Mas, enfim, notou o termo que eu usei, certo? AUTORES. Não me importo se o que eles escrevem é publicado em papel, tem tiragem de 120 mil exemplares e um mínimo de 420 páginas, ou se é publicado na internet, num endereço que apenas eu conheço. O que me importa é que eles escrevem muito bem. BLOGUE CHAMPIONSHIP VINYL. (07/10/08)

Pode-se perceber que o próprio enunciado está vinculado a “algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte.” (BAKHTIN, 1895-1975/2000, p. 291)

Essa afirmação é notada a partir da leitura dos comentários (57) dessa postagem, os quais, em sua maioria, defendem a escrita do blogue e desencadearam uma interação entre leitores bastante interessante, como se pode ver nos comentários a seguir:

6:07 PM Pâmela disse... Espero nunca dizer algo que irrite Rob Gordon. Bem, eu já lí vários livros (:p), mas poucos deles trazem textos melhores ou tão bons quanto os que eu leio no Champ. E, por favor, não pare de postar sobre os comentários anônimos que vem aqui para "ganhar seus 15 minutinhos de fama". Esses são sempre os melhores. Championship Vinyl (07/10/08).

11:06 PM Larissa Bohnenberger disse... Ah, e reiterando o que foi dito pela Pâmela: "E, por favor, não pare de postar sobre os comentários anônimos que vem aqui para "ganhar seus 15 minutinhos de fama". Esses são sempre os melhores." Concordo! Vocês, leitores do Champ que não gostam quando ele

responde algum comentário, azar é o de vocês! A gente gosta. E garanto que o Rob nunca vai conseguir simplesmente ignorar estes anônimos, ainda mais quando escrevem pérolas como a que inspirou este texto! Bjs! BLOGUE CHAMPIONSHIP VINYL. (07/10/08).

Um dos aspectos dos exemplos acima que caracterizam a atitude responsiva ativa está na rapidez da resposta ou comentário que se quer no momento em que ela é produzida, ou seja, o escrevente deseja que o leitor dialogue com ele imediatamente, como na fala. Mas a resposta nos blogues não é fônica, é uma resposta escrita dialógica, viva, cuja rapidez acabou se tornando uma característica do gênero.

Na responsividade ativa dos comentários, o leitor é o *outro*, é o que dá o retorno através de uma resposta à postagem do autor do blogue. Ao tomar a posição responsiva o leitor concorda, discorda, participa, completa e aplica os dizeres do autor, enfim, o leitor/ouvinte se torna escritor/falante.

A postagem *Blogs ou livros, livros ou blogs* exemplifica e representa a interação entre o blogue através do enunciado de uma postagem feita pelo autor e dos comentários ou respostas escritas pelos leitores.

O blogue Championship Vinyl, tornou-se o centro de interações entre o autor e os leitores do blogue. Os leitores indicam o blogue a outros leitores pelo “boca a boca”, fazendo com que o torne um mediador entre leitores/interactantes de audiências individuais, de informações ou ideias, pois torna-se o centro da relação entre os consumidores e produtores de informação.

Quando se dialoga com alguém, espera-se sempre a compreensão do que se enuncia. Essa compreensão se concretiza pela resposta dada, pelo leitor, ao que se proferiu. Embora essa seja uma característica do gênero primário, o diálogo que se realiza agora se constrói não na relação imediata entre os interactantes. Não uma relação presencial real entre sujeitos falantes, em que ocorrem trocas de turno, mas uma espécie de demarcação virtual da presença do outro no enunciado, em que as respostas esperadas dos interlocutores passam pelo crivo da compreensão e da captação das informações em uma esfera mais complexa do gênero blogue.

Outra questão, chamada por Bakhtin (1895-1975/2000, p. 300) de “intuito discursivo, ou o querer-dizer do locutor”, que “determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras”. É a partir do querer-dizer dos interactantes e com base em seus conhecimentos anteriores ao discurso, em suas experiências sociais, que será possível detectar se o enunciado fez sentido, se atravessou as fronteiras do diálogo.

No caso do discurso escrito, para recuperar o processo ativo pergunta/resposta do discurso falado, é necessário o uso de recursos linguísticos para expressar a comunicação.

Assim, no discurso escrito torna-se imprescindível a elaboração cuidadosa do *querer dizer* do enunciador, uma vez que o que ele quer dizer conduz o fio argumentativo do enunciado, a sua amplitude e as suas fronteiras conforme o estudado em Bakhtin.

Uma das questões que se mostraram relevantes na interação entre autores e leitores pode ser exemplificada no blogue “Pergunte ao urso”, devido ao fato de o autor, o publicitário Marcelo Vitorino, fazer encontros com os leitores em locais informais, para que se conheçam e conversem sobre os temas polêmicos colocados em pauta nas postagens do blogue<sup>4</sup>. Nos demais blogues analisados, não existiu sequer uma intenção de interação não virtual, embora existam relatos de encontros com leitores no “Championship Vinyl” e de intenções de encontros nos eventos realizados pelo “Jacaré Banguela”.

---

<sup>4</sup> O encontro mais próximo a esta pesquisa foi em Belo Horizonte, no dia 24 de setembro de 2009, no Bar Social, na Savassi. No local, estavam presentes os autores dos blogues: “Pergunte ao urso” (Marcelo Vitorino); “Dr.Love” (Luis Gustavo) e “Censurado” (Rodrigo), ambos do Inblogs.

Em síntese, pode-se dizer que, de acordo com a abordagem bakhtiniana e sua teoria sobre a interação, chega-se à afirmativa de que o enunciado deve ser considerado como uma resposta a enunciados anteriores, fato que ocorre somente dentro de uma dada esfera.

O papel do *outro* é também muito importante para a elaboração dos enunciados, é a partir da ideia de que existe um *outro* que não é somente um ouvinte passivo, mas um participante ativo da interação. A resposta, ou a réplica, é esperada como parte do todo enunciativo, logo, existe uma compreensão responsiva ativa pela qual interagentes se complementam mesmo que virtualmente, e produzem uma comunicação participativa.

Portanto, esse caráter interativo e inovador percebido nos blogues é incentivado, também, pelas relações entre leitura/escrita. Dessa forma, pode-se dizer que os blogues propiciam uma “interação altamente participativa” (ERICKSON, 1997, p.4), principalmente os tipos de blogues analisados, cujos conteúdos e temas são “picantes” e “estimulantes”, mexendo com o imaginário humano sobre a sexualidade.

### **7. As características híbridas linguístico-discursivas e pragmáticas constitutivas nos blogues e como se organizam como processo de escrita e leitura.**

Ao assumir que a interatividade é potencializada nos blogues e que, de acordo com o grau de interação entre o autor e o leitor, ela se desenvolve na medida em que são criadas as postagens e os comentários surge outra questão a ser analisada: quais são as características híbridas linguístico-discursivas e pragmáticas constitutivas nos blogues e como se organizam como processo de escrita e leitura?

Tem-se uma possível resposta de que o modo como os diferentes gêneros se combinam na composição do gênero blogue destaca-se na caracterização dos mesmos, ou seja, no blogue pode ser observado o “uso” de vários gêneros e tipos de textos em sua composição. Essas misturas de tipos de texto e de gêneros em outro gênero podem ajudar a explicar o processo de hibridização no blogue.

O gênero blogue, considerado como hipertexto, possui forma dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com linguagens intersemióticas. É essa intersemiotividade híbrida que adiciona à sua superfície diversas formas de textualidade, ou seja, o blogue se realiza na mistura de tipos de textos, de gêneros e de semioses.

O gênero blogue pode se distinguir pelo tipo ou espécie que se realizam nele, pois os gêneros, em Travaglia (2007, p.104), “são compostos pelos tipos e pelas espécies e eventualmente por outros gêneros”. Além disso, nos blogues existem os mais variados tipos de textos, como: descritivo, dissertativo, injuntivo, narrativo; argumentativo; do mundo comentado e do mundo narrado; lírico, épico/narrativo e dramático; humorístico e não humorístico; literário e não literário. Por exemplo, as categorias hipertextuais dos blogues não se realizam do mesmo modo que no diário virtual, no livro, no jornal, no conto, na piada, no som, na fotografia, na imagem, etc. Complementarmente, deve-se levantar a questão: se existem características gerais do gênero blogue independentes dos tipos e espécies que o compõem e de como esses tipos e espécies se realizam nele.

Os blogues selecionados para esta pesquisa possuem algumas singularidades, como: existe uma constante de textos voltados para o entretenimento, por exemplo, os textos humorísticos, porém eles se apresentam de diversas maneiras, podendo ser ou ter outros tipos de textos, como narrativos, publicitários, descritivos, literários, líricos, etc.

Isso se dá devido ao fato de os blogues selecionados possuírem categorias diferenciadas, como: ser parecido com um diário, como se vê nas “impressões” encontradas no blogue “Championship Vinyl”; ser um gerador de conteúdo ou consultor, como no “Pergunte ao Urso”; e como um apontador de *links*, como é o caso da “*Vadiagem Malemolente*” do “Jacaré Banguela”.

Essa distinção entre os tipos de blogues é importante, pois os gêneros e tipos de textos encontrados nas postagens dos blogues podem assumir classificações diferentes, a partir de assuntos ou temas escolhidos na escrita das postagens, como: cotidiano, sexo, religião, entre outros; portanto, em alguns momentos, o gênero blogue pode se apresentar ora com uma mistura de gêneros e de tipos de textos, ora não. Depende muito do assunto abordado na postagem, da intenção discursiva, do destinatário da interação.

Se uma postagem ou artigo de um blogue possui diversificados tipos de textos (narrativos, descritivos, do mundo comentado, humorísticos, etc.), tem-se um gênero que mistura ou dialoga com vários tipos de textos para construir outra tipologia de texto em dado gênero.

O modo como tipos e espécies são usados para compor um gênero é de fundamental importância para a caracterização do mesmo. Se os tipos de textos podem se unir em outros textos, pode-se pensar que, também, os gêneros podem entrar na composição de outros gêneros.

Costa (2009, p.16, 17,18) elaborou um quadro, em que são organizados alguns gêneros discursivos existentes em algumas formações discursivas ou domínios discursivos. Os discursos são: religioso, jornalístico, acadêmicos, literário, eletrônico-digital, publicitário, cotidiano, escolar, jurídico. De acordo com Costa essa tipologia não se esgota somente nesses discursos, pois existem diversidade e heterogeneidade de gêneros discursivos que são produzidos e circulam na sociedade.

Para exemplificar essa questão da existência de gêneros discursivos em discursos já consagrados socialmente, tem-se no blogue um campo vasto para detectar quais são os gêneros dentro deste gênero. Destaca-se que a hibridização existente nos blogues se dá pelo uso de vários gêneros (quadrinhos, fotografia, anúncio publicitário, entre outros) em um gênero maior, que é o próprio blogue. Outro aspecto da hibridização existente nos blogues é a intersemiose, pois envolve vários tipos de linguagem: verbal, sonora, imagética.

Pressupõe-se que o blogue é um gênero híbrido na medida em que é possível detectar nele uma hibridização feita na mistura, na fusão e nos cruzamentos de diferentes gêneros, como se viu acima, e também no uso simultâneo de diferentes recursos intersemióticos que envolvem vários tipos de linguagem: verbal, sonora, imagética.

Já não basta a simples leitura do texto verbal escrito. É preciso colocar a leitura em relação a um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem, como a imagem e o som. No caso específico dos blogues, percebe-se que as diferentes linguagens (visual e verbal) apresentam-se de forma destacada dentro da forma composicional do gênero.

Dessa maneira, uma das características a ser considerada nos blogues é a mistura de texto, som e imagem, ou seja, o gênero blogue dá “maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses. É através dessa intersemiose que se cruzam gêneros, tipos, linguagens e outros recursos enunciativos.

Recorrendo aos estudos de Santaella (2001, p. 382), percebe-se que cada linguagem existente nasce do cruzamento de algumas submodalidades de uma mesma matriz ou entre submodalidades de duas ou três matrizes. Portanto, quanto mais cruzamentos se processarem dentro de um mesmo enunciado nos blogues, mais híbrido ele será. É o caso das linguagens visual-verbal e verbal-visual presentes nos blogues selecionados para esta pesquisa e que serão analisados a seguir.

Santaella (2001, p. 384) considera a escrita como a primeira linguagem que hibridiza o verbal e o visual, porém é dada uma maior ênfase ao caráter visual que predomina sobre o verbal. São visuais-verbais os cruzamentos entre imagem, palavra e disposição/diagramação encontrados na publicidade impressa, charge, quadrinhos, fotografias jornalísticas, gráficos, mapas, infográficos, etc. A linguagem e os recursos intersemióticos usados no blogue

certamente possibilitaram tais interações, o que leva a destacar que a hibridização intersemiótica presente nos blogues os torna mais dinâmicos.

De acordo com Santaella (2001), as linguagens verbo-visuais estão nas paisagens do rosto, na postura do corpo, nos movimentos do pescoço, braços e mãos, na proximidade ou a distância que o falante mantém com o interlocutor.

Como hibridização de linguagens verbo-visuais será analisada uma postagem do blogue Jacaré Banguela intitulada *A involução da escrita* (acesso dia 20/08/09).

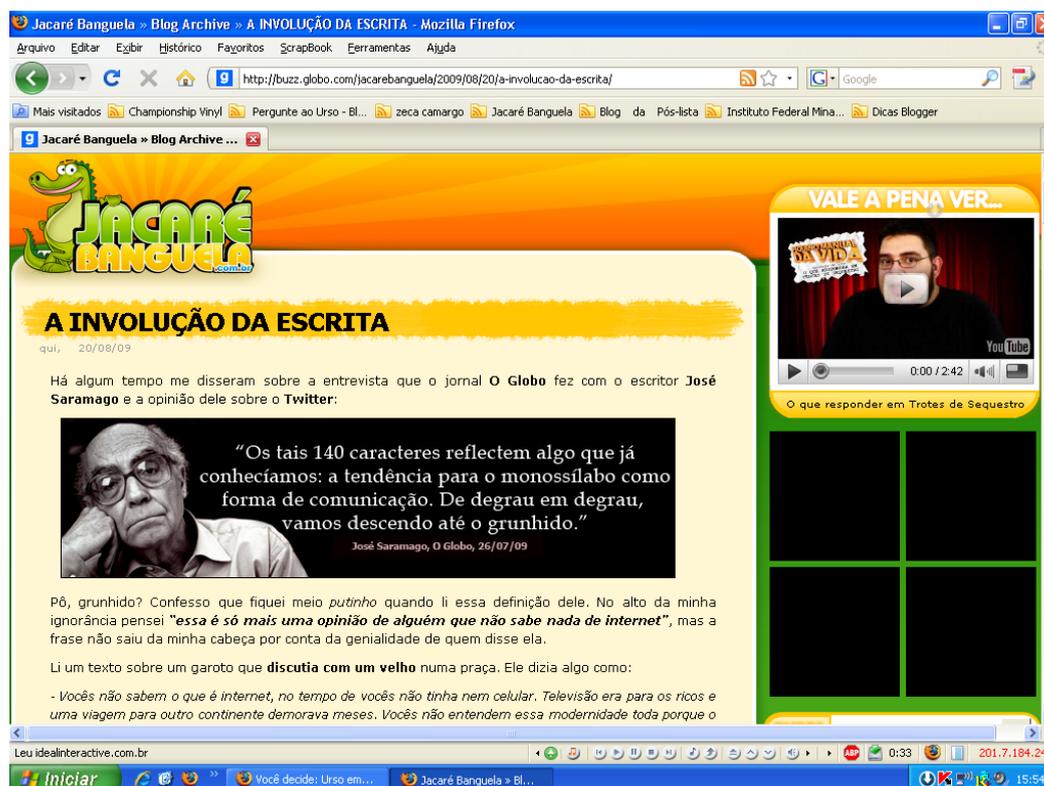


FIGURA 1: *A Involução da escrita*. Fonte: Blogue Jacaré Banguela. Acesso em 20/08/09.

A linguagem verbal inicial enuncia, em negrito, as palavras que serão encadeadoras da discussão pretendida. *Há algum tempo me disseram sobre a entrevista que o jornal O Globo fez com o escritor José Saramago e a opinião dele sobre o Twitter*. Logo após, o hibridismo se faz presente na linguagem verbal-visual em um retângulo com fundo preto, com letras escritas em branco e uma imagem do escritor português José Saramago<sup>5</sup>.

O hibridismo de linguagens se manifesta, inicialmente, na imagem visual de um rosto de homem que tem uma expressão dura e azeda, sua postura é de desprezo, os lábios são voltados para baixo, os óculos escondem um olhar de desdém, a posição da mão fechada segurando o rosto mostra uma indignação evidenciada pela linguagem verbal dos dizeres colhidos de uma entrevista do jornal *O Globo*.

A imagem encontra-se de um lado e a linguagem verbal, de outro lado. O formato assemelha-se aos gêneros dos discursos jornalísticos e publicitários, pois poderia ser uma tira de quadrinho, um anúncio publicitário, um cartaz ou um *outdoor*, contudo sabe-se que o enunciado verbal foi retirado do gênero entrevista. Essa mistura revela que a postagem é dotada de recursos do hibridismo.

<sup>5</sup> José Saramago é filho de camponeses portugueses. Não complementou o curso ginásial por falta de dinheiro. Exilou-se no pequeno arquipélago de Lanzarote por opção literária. É o primeiro e único prêmio Nobel de Literatura da Língua Portuguesa. A obra *Ensaio sobre a cegueira*, entre outras, virou filme.

O hibridismo de linguagens manifesta-se novamente, logo abaixo do retângulo, pois o autor do blogue enuncia uma confissão relativamente contraditória à posição de Saramago. Ele demonstra que não gostou muito do que o escritor disse, visto que o blogue Jacaré Banguela tem endereço e escritas visíveis de seu Twitter.

Pô, grunhido? Confesso que fiquei meio *putinho* quando li essa definição dele. No alto da minha ignorância pensei “*essa é só mais uma opinião de alguém que não sabe nada de internet*”, mas a frase não saiu da minha cabeça por conta da genialidade de quem disse ela. BLOGUE JACARÉ BANGUELA (20/08/09)

Esse enunciado em linguagem verbal segue uma linha de construção semelhante à do enunciado anterior à imagem visual de Saramago, no sentido de que é facilmente percebida a utilização da linguagem informal, corriqueira, constituindo-se assim um quase-diálogo com o leitor. Nota-se uma tentativa de se estabelecer um contato com o leitor, a partir de dizeres informais. E, para atingir esse público, nada mais coerente do que empregar um estilo de linguagem muito popular entre os jovens: gírias.

Assim, podem-se conferir algumas recorrências de linguagens (*Pô, grunhido*), (*meio putinho*) e mais no final (*Que paulada, hein?*). Assim sendo, pode-se afirmar que o uso dessas palavras e expressões, cuja origem é o vocabulário de gíria, faz com que o discurso verbal se torne leve, descontraído, como se fosse uma conversa entre amigos. Há, portanto, uma interação do autor com o leitor o que já foi comprovado como uma das caracterizações do gênero blogue.

Ao usar, no final da postagem, o termo “grunhido” de Saramago e a finalização da postagem com os dizeres: “*Pare o mundo que eu quero descer!*” desencadeou-se um verdadeiro “pipocar” de escritas dos leitores na área de comentários, quase que imediatamente à postagem, visto terem as marcas temporais nos comentários. Foi uma real discussão entre os leitores, a qual pode ser observada nas calorosas discussões entre o autor do blogue e alguns leitores, como em:

Lucas Balduino: 21 agosto, 2009 as 12:05 Ah, claro. Saramago dá um lampejo de genialidade. O gordinho Nerd o considera um velho que não sabe nada de internet. Aí vem um cara que trabalha com marketing digital e, então, a partir disso, Saramago tem razão...Então quer dizer que é preciso de um gênio da internet para validar o posicionamento de um dos maiores escritores do mundo? Concorde, pare o mundo que eu quero descer!

[ JB RESPONDE ] Olha só que curioso. Você está me interpretando mal simplesmente porque quer. Eu não chamei o Saramago de velho, VOCÊ supôs que fosse o Saramago. Não conheço as obras dele, só vi o filme do Ensaio Sobre a Cegueira. Assumi a minha ignorância de pré-julgar ele, mas não desisti de me convencer que ele estava certo. O problema é que você leu o texto pensando em me acusar, e não, pensando na minha reflexão sobre o assunto. Uma pena. Me diz onde eu paro o mundo, fique à vontade para descer. Abs. BLOGUE JACARÉ BANGUELA (20/08/09).

O leitor Lucas Balduino incita o autor a refletir sobre os questionamentos feitos nessa postagem, dizendo que ora critica ora elogia a genialidade do escritor. O autor do blog responde rapidamente após esse comentário, pois sente-se ofendido e tenta argumentar com o leitor que prejudicou o escritor Saramago, e que a primeira leitura feita foi errônea, inclusive diz que o leitor é que não entendeu sua postagem e que esse tem tão-somente a intenção de acusá-lo. E a discussão continua em outros comentários.

Lucas Balduino: 21 agosto, 2009 as 19:38 Caro Jacaré, foi justamente por ver o seu processo de reflexão sobre o assunto que me indignei. Não que eu ache que Saramago saiba a resposta para a vida, o universo e todas as coisas, mas beira ao ridículo submetê-lo a aprovação de um especialista em Marketing Digital, ainda mais levando em consideração que cada um tece seus comentários dentro de sua esfera de atuação. Contudo, você assume o erro em pré-julgar Saramago. Infelizmente, parece que não aprende com o erro. Ao mesmo tempo em que você diz “Não conheço as obras dele, só ví o filme do Ensaio Sobre a Cegueira”, você é capaz de dizer “por conta da genialidade de quem disse ela”. Outro pré-julgamento: se você não conhece suas obras, como sabe de sua genialidade? Será que a opinião de terceiros a respeito dele é o suficiente para moldar o seu juízo de valor a respeito do escritor? Quando você achar o freio, me avise, ficarei satisfeito em descer. Abraços!

[ JB RESPONDE ] Olá. Eu não preciso conhecer todas as teorias do Einstein para achar ele um gênio, certo? Essa nossa conversa não vai chegar a lugar nenhum porque estamos falando sobre opiniões. Eu tenho a minha e você a sua. Não vou fazer do blog apenas um lugar para publicar notícias engraçadas, também quero publicar a minha opinião sobre a vida, o universo e todas as coisas. Para você “beira ao ridículo submetê-lo a aprovação de um especialista em Marketing Digital.”, para mim o David Armano só serviu para concluir a MINHA opinião de que o Saramago está certo. Se ele (Saramago) não tivesse importância pra mim, eu simplesmente teria ignorado a opinião dele e pronto. Ainda estou procurando o responsável pelo o freio do planeta. Quando encontrar te aviso. Abs . BLOGUE JACARÉ BANGUELA (20/08/09).

Pode-se acrescentar nesta explanação que a interação obtida nessa postagem foi observada como uma das características primordiais dos blogues, visto terem leitores que, diante de um hibridismo de linguagens verbais-visuais e de um tema atual tão bem-apresentado, fazem questão de tomar partido seja ele positivo ou negativo.

Diego Reigoto: 20 agosto, 2009 as 15:42 Uau! Não é todo mundo que consegue fazer um post engraçado partindo de uma frase de Saramago. Acho que a implicância dele em relação ao Twitter deve-se mais porque não se adéqua a sua forma de escrever. Eu adoro os livros de Saramago e seus parágrafos de 3 páginas. Não o imagino no Twitter. Mas que estamos cada vez escrevendo menos e que ele tem muita razão sobre isso, ele tem! BLOGUE JACARÉ BANGUELA (20/08/09)

Marielen: 20 agosto, 2009 as 15:02 Tenho que discordar de José Saramago em uma pequena parte, e defender a idéia do desafio em se expressar por inteiro com poucas palavras, para alguns, isso realmente é impossível. BLOGUE JACARÉ BANGUELA (20/08/09).

Os exemplos de comentários acima foram citados, pois demonstram que a postagem os incitou a fazer tais comentários e percebe-se que as fusões dos modos enunciativos verbais e visuais proporcionados pelo hipertexto causam uma “novidade” de leitura, demonstradas na mistura de gêneros diferentes. Portanto, a possibilidade de inserção de elementos visuais-verbais, como linguagem escrita, imagens ou fotos, propicia uma nova proposta, que satisfaz, integra e faz interagirem os recursos semiológicos da internet.

Essas misturas ou várias semioses agradam os leitores. A surpresa de uma postagem dotada de imagem e texto intensifica a leitura, pois existe o elemento “surpresa”, que desperta

o riso e, nesse sentido, é fabricado o humor. Essa mistura acaba fazendo com que o blogue tenha boa aceitação pelos leitores e, conseqüentemente, aumente as respostas ou os comentários e, principalmente, a audiência.

Ressalta-se que a imagem do enunciado passada ao leitor sugere um híbrido intencional e consciente, conforme o enfoque bakhtiniano, pois quando as linguagens verbais e visuais das postagens se misturam, são formadas as consciências linguísticas individualizadas dos leitores e é pautada a vontade linguística individual do autor do blogue.

No caso do blogue, pôde ser observado o aparecimento de um gênero na composição de outro, ou seja, há a possibilidade de o gênero blogue ter outro gênero em sua composição. Podem surgir vários tipos de textos nos blogues como: texto descritivo, dissertativo, injuntivo, narrativo; texto argumentativo; texto do mundo comentado e do mundo narrado; texto lírico, épico/narrativo e dramático; texto humorístico e não humorístico; texto literário e não literário.

O modo como tipos e espécies são usados para compor gêneros é de fundamental importância para a caracterização dos mesmos. Tal fato pode ser bastante proveitoso na elaboração das categorias de análise pretendidas nesta pesquisa, pois se faz saber que os gêneros podem entrar na composição de outros gêneros e que os diversos tipos e espécies se combinam na composição de gêneros, o que leva a pensar na resposta da questão da hibridização como a abordagem bakhtiniana de fusão como mistura de gêneros

Entretanto, essa mistura nem sempre se mostra perfeita. De acordo com Araújo (2009), “esta fusão nem sempre é harmônica, pois, dependendo da natureza do hipertexto, uma enunciação ou outra ganha destaque”, pois podem ser encontrados “hipertextos compostos prioritariamente de enunciados verbais” ou “outros cujo conteúdo é eminentemente visual ou sonoro” (ARAÚJO, 2009 p. 114).

Essa reflexão é bastante pertinente, pois durante a pesquisa foram encontradas postagens com o perfil humorístico escolhido, que ora se destacavam pelo texto ora pelas imagens, ora pelos vídeos e ora pelas misturas de imagens, textos e som, ou seja, os blogues selecionados destacam-se por apresentar linguagens ora verbais, ora visuais, ora sonoras, ora simultâneas.

Essa fusão ou mistura de gêneros e linguagens em um novo gênero talvez possa justificar a “hibridez” do blogue. A novidade que delineamos é que dessa fusão dos modos enunciativos, proporcionados pelo hipertexto, surgem os chamados gêneros hipertextuais. O que nos leva a propor que o blogue possa ser um gênero híbrido em um modo de enunciação digital. Também foi possível identificar um hibridismo nos blogues por causa de seus tipos linguístico-discursivos e pragmáticos, o que foi facilitado pela compreensão a partir das linguagens verbais e visuais das postagens, despertando o interesse do leitor, para que este se lance na escrita dos comentários, o que propicia um aprofundamento sobre suas reflexões, portanto, chega-se à conclusão de que o blogue configura-se como um gênero discursivo digital híbrido.

Ao centrarmos a discussão na definição e na caracterização do gênero blogue, a partir da abordagem sociodiscursiva bakhtiniana e na concepção multisemiótica de linguagem, pode-se afirmar que o gênero, ao circular em determinada esfera discursiva, no caso, cibercultural, acaba internalizado pelo sujeito em seu cotidiano, levando-o a reconhecer a emergência de dado gênero por causa de sua função sociodiscursiva no discurso eletrônico-digital da internet.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Júlio César, DIEB, Messias. (orgs). *Letramentos na web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BAKHTIN, M. (V.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAKHTIN, M. M. O discurso no romance. in: *Questões de Literatura e de Estética – A teoria do romance*. SP: Hucitec/EDUNESP, 1988 [1934/1935/1975].

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. -3ª ed.-São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1895-1975].

BUZATO, Marcelo. E. K. *Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital*. Tese de doutorado. Instituto de estudos da Linguagem, Campinas: Unicamp. 2007.

CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e sair da Modernidade*. 4ª edição, São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

COSTA, S. R. *Minidicionário do discurso eletrônico-digital*, volume 1. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, S. R. *Cibridismo, Hibridização, Nomadismo e produção /recepção de gênero do/no discurso cibercultural*, 2010. (no prelo)

ERICKSON, Thomas. Social Interaction on the Net: Virtual Community as participatory Genre. (Publicado no *Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Science*. January, Vol. VI, Maui hawaii). Citado a partir de cópia do: [http://www.pliant.org/personal/Tom\\_Erickson/VC\\_as\\_Genre.html](http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html).

FREIRE, Fernanda M. P. *A leitura nos oceanos da internet/* Fernanda M.P. Freire, Rubens Queiroz de Almeida, Sergio Ferreira do Amaral; Ezequiel Theodoro da Silva, Coord. – 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FRIEDMAN, S. S. "Border Talk" Hybridity, and Performativity: Cultural Theory and Identity in the Spaces between Difference. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n.61, p.1-17, 2002. Disponível em: <http://eurozine.com/pdf/2002-06-07-friedman-en.pdf>. Acesso em: ago/2008.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: parábola editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luis Antônio. XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho, *Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na Tela- Letramentos e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELI, C; RIBEIRO, A. E. (Orgs). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

ROJO, Roxane H. Rodrigues. Gêneros do discurso e gêneros textuais: Questões teóricas e aplicadas. In J. L. MEURER *et al.* (Orgs) *Gêneros: Teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. Pp. 184-207.

ROJO, Roxane H. Rodrigues. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de estudos da linguagem- campinas, SP. 46(1), jan/jun.2007.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e pensamento: Sonora, Visual, Verbal*. 3. ed., São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). “Tipeamentos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos” in FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino* – Vol. II. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007: 97- 117.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies*. Alfa: Revista de Linguística, v. 51, p. 39-79, 2007. ISSN/ISBN: 19815794.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros*. In: 4o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (IV SIGET), 2007, Tubarão - SC. Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET). Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, 2007. v. 1. p. 1297-1306.

XAVIER, Antônio Carlos. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Campinas: Instituto de estudos da Linguagem, UNICAMP. Tese de doutorado em Linguística. São Paulo, 2002.